

TRABALHADORES! DEMOCRATAS!

Lendo e dando a ler o jornal «Avante!» a todas as pessoas honradas...

Proletários de Todos os Países: UNI-VOS!



ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

AJUDE O «AVANTE!»

O «Avante!» é a voz da verdade, é a voz dos trabalhadores de Portugal...

SOB A CONSIGNA DA UNIDADE DE TODOS OS PORTUGUESES PARA O DERRUBAMENTO DO FASCISMO

A VI REUNIÃO AMPLIADA DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO aponta o caminho para uma ampla FRENTE NACIONAL ANTI-SALAZARISTA!

Sob a ráivosa repressão do fascismo, o Partido realizou vitoriosamente a VIª. Reunião Ampliada do seu Comité Central.

As discussões foram travadas dentro do mais profundo interesse e carinho pela situação angustiosa das massas trabalhadoras...

O CAMINHO PARA UMA AMPLA FRENTE NACIONAL ANTI-SALAZARISTA

Resumo do informe do camarada AMILCAR

Depois da intervenção de abertura, pronunciada pelo camarada João, o camarada AMILCAR, em nome da Comissão Política do Comité Central...

si próprios, de que só pela força cederão. Nestes últimos anos todos aprenderam muito. Aqueles que se afastaram da unidade fascista...

Estes democratas devem ter aprendido pela sua própria experiência, por vezes dolorosa, a conhecer melhor a verdadeira cara do fascismo salazarista.

«Nós, comunistas, também aprendemos muito com os sucessos alcançados e com os erros cometidos. Aprendemos, por exemplo, que não devemos sobrestimar as forças do nosso Partido e substituir a importância das outras forças democráticas.»

«A situação económica aflitiva da maioria esmagadora da população e a noção cada vez mais clara que o salazarismo conduz Portugal para o abismo, são factores favoráveis para a unidade dos democratas portugueses.»

A CAMARILHA SALAZARISTA COMPROMETE A INDEPENDÊNCIA E A SOBERANIA NACIONAIS

pacos militares impostos pelos círculos governantes dos Estados Unidos transformou Portugal numa base norte-americana...

O governo salazarista desenvolve toda uma política de preparação para a guerra ao serviço do imperialismo...

para servir os objectivos estratégicos dos monopólios americanos na Ásia, o governo salazarista teima em fazer de Goa um foco...

DEFENDAMOS O PETRÓLEO NACIONAL!

A entrega do petróleo de Portugal e das Colónias aos trusts estrangeiros!

Ao contrário do que durante muitos anos se pensou, por falta de estudos sérios, tanto o País como as Colónias parecem ser ricos em jazigos petrolíferos.

Os importantes jazigos da Angola vão começar ainda este ano a fornecer petróleo em grande quantidade. Existem, além disso, em Angola gigantescas reservas de crudos betuminosos que geram, por destilação, a produção de grandes quantidades de combustíveis e lubrificantes.

Os petróleos da Moçambique são também já uma realidade, estando em abertura o poço «Domo n.º 1», embora a empresa americana concessionária mantenha em grande segredo o resultado das suas pesquisas...

Também em Portugal surgem boas perspectivas quanto à existência de jazigos de petróleo na zona de Pinhal Novo e em outros locais...

Porém todas estas riquezas, que podiam e deviam modificar profundamente a vida económica do País e das Colónias, foram traidoramente entregues pelo governo de Salazar a poderosos trusts estrangeiros...

Como já toda a gente sabe, as concessões do petróleo da Angola foram entregues pelo governo salazarista ao trust inglês da Royal Dutch-Shell através da Companhia dos Combustíveis do Lobito...

Os petróleos de Moçambique foram entregues pelo governo de Salazar a um poderoso trust americano dominado pelo multi-millionário Mellon—Gulf Oil—que formou a Moçambique Gulf Oil, proprietária da concessão.

O petróleo de Portugal foi entregue pelo governo salazarista à Companhia dos Petróleos de Portugal, que começou por ter partes iguais no seu capital social de trusts

ingleses e americanos, mas onde agora a Socony-Vacuum (ou seja a Standard Oil dos Rockefeller) tem a parte de leão...

O petróleo de Portugal e das Colónias, que poderia ser um factor de enriquecimento

da Nação e das Colónias e da elevação do nível de vida do nosso povo...

A obra de traição nacional da camarilha salazarista, tantas vezes denunciada pelo Partido Comunista ao nosso povo...

Só a luta de todo o povo em defesa das matérias primas nacionais restituirá a Portugal aquilo que só a Portugal pertence!

BENTO GONÇALVES E OS MÁRTIRES DO TARRAFAL NÃO SERÃO ESQUECIDOS!

O povo português jamais esquecerá o nome de Bento Gonçalves, filho querido da classe operária portuguesa...

O governo de Salazar votava ao militante operário Bento Gonçalves um ódio de morte, por Bento defender dum forma justa e sábia os interesses do proletariado...

Bento Gonçalves foi um alvo da repressão fascista. Preso pela primeira vez em Setembro de 1930, Bento foi deportado sem julgamento para os Açores...

Com a morte de Bento Gonçalves deixou de lutar a classe operária e o nosso povo uma das maiores inteligências de Portugal.

deixou de pulsar um grande e nobre coração e o Partido Comunista Português e a classe operária perderam o seu melhor dirigente...

Ao nome querido de Bento Gonçalves devemos associar, nesta data, os nomes de outros militantes da classe operária que com ele foram assassinados...

Nun velho cemitério muito abandonado junto à praia deserta do Tarrafal, jazem estes e dezenas de outros filhos do povo português que o governo de Salazar assassinou lentamente no Campo de Concentração do Tarrafal...

LIBERDADE PARA JESUS FARIA!

A 8 de Maio fez 5 anos que foi preso Jesus Faria, Secretário Geral do Partido Comunista da Venezuela...

Preso por ter dirigido uma poderosa greve dos trabalhadores do petróleo, Jesus Faria encontra-se há cinco anos encerrado num calabouço, sem processo e sem julgamento...

Jesus Faria é um filho fiel do povo da Venezuela, que mantém uma luta heroica contra a exploração da Standard Oil...

Na América Latina e em muitos outros países do mundo está em marcha um poderoso movimento para arrancar Jesus Faria dos muros dos seus verdugos...

Rua Luciano Cordeiro, 119, r.c, Telefone 51567.



A VI REUNIÃO AMPLIADA DO COMITÉ CENTRAL PELA FORMAÇÃO DUMA AMPLA FRENTE ANTI-SALAZARISTA

(CONTINUAÇÃO DO INFORME DO CAMARADA AMILCAR)

de guerra.

O salazarismo vende, dá e troca por um apoio para se manter no poder parcelas do território português e das colónias e as riquezas nacionais e coloniais como o urânio, o ferro, o petróleo, o manganês, o volfrâmio, os diamantes, as pirites, etc.

O camarada AMILCAR definiu em seguida as tarefas que se colocam ao Partido, capazes de unir para a luta as forças democráticas e patrióticas da Nação:

Defesa das matérias primas nacionais; luta contra a transformação de Portugal numa base militar norte-americana dirigida contra a URSS e as Democracias Populares; luta contra o envio de tropas para a Índia e regresso imediato das que lá se encontram; luta contra a ingerência de generais estrangeiros no comando das forças armadas portuguesas; luta pela solução pacífica do caso de Goa.

OS PREPARATIVOS BÉLICOS ARRUINAM O PAÍS

O camarada demonstrou como a militarização da economia nacional agrava extraordinariamente as condições de vida da classe operária e das massas trabalhadoras da cidade e do campo, provoca a diminuição do salário real dos trabalhadores, o aumento do desemprego, a diminuição do poder de compra da maioria esmagadora do povo português, o aumento dos impostos.

Do mesmo tempo problemas nacionais importantes continuam por resolver, tais como o cerealífero, o siderúrgico, o vinhateiro, o da habitação, etc.

O Camarada descreve em seguida alguns aspectos da situação de miséria e de ruína em que o salazarismo mergulhou o país. Toda esta situação levou ao desencantamento da população, até mesmo de sectores da burguesia que antes conjetavam na política salazarista.

O camarada AMILCAR alude depois a algumas das lutas e acções do povo português por melhores condições de vida, pelas Liberdades Democráticas, pela Paz e pela Independência Nacional; essas lutas são o factor fundamental que abrem largas perspectivas a todos os democratas para a sua união numa ampla frente nacional anti-salazarista.

«Incrementar essas lutas, estabelecer em bases sólidas a unidade da classe operária e realizar a sua aliança com as largas massas dos pequenos e médios camponeses, interessados como, ela no derribamento da camarilha salazarista e num futuro melhor, continua a ser uma das grandes tarefas do nosso Partido».

A UNIDADE É O CAMINHO MAIS CURTO PARA A LIBERTAÇÃO DO POVO

O inimigo que temos de destruir até às suas últimas raízes é implacável e cruel, mas não é forte. As forças democráticas só necessitam duma coisa para serem mais poderosas, para levarem a cabo o derrubamento da actual camarilha governante e com isso conquistarem a liberdade e a democracia. ESSA CONDIÇÃO É A UNIDADE DE ACCÃO.

Em seguida o camarada AMILCAR salientou a acção e o esforço do Partido em de-

fesa da Unidade e como esta tem sido sempre a preocupação central de toda a actividade do Partido.

A Plataforma de Unidade, aprovada pela V Reunião Ampliada do Comité Central, e o Projecto de Programa consubstanciam as proposições concretas do Partido para a mais larga unidade de acção de todos os democratas e patriotas portugueses.

O Partido já mais deixará de procurar esses pontos comuns de acção. Como salientava o apelo de Fevereiro último do Comité Central a Unidade é uma necessidade e um imperativo nacional.

«Apresentando publicamente e a todas as agrupações políticas democráticas e todos os democratas propostas concretas para a realização de uma ampla unidade anti-salazarista, o nosso Partido está pronto, como não podia deixar de ser, a analisar todas as propostas que tenham por objectivo acabar com a divisão das forças democráticas e que conduzam à unidade de acção».

«Podemos anunciar que a insistência do nosso Partido e os esforços de outros democratas começam a dar os seus frutos — novas e maiores perspectivas para a realização da unidade aparecem a cada passo».

O ANTI-COMUNISMO, FACTOR DE DIVISÃO

Prosseguindo, o camarada AMILCAR salientou que o anti-comunismo tem sido um dos factores impeditivos da constituição de uma ampla e verdadeira frente nacional anti-salazarista. O anti-comunismo tem sido uma arma nas mãos do fascismo para impedir a união combativa de todos os que lhe são adversos, a qual representaria o seu fim rápido. O fascismo lança todo o peso da repressão sobre os comunistas e procura para dividir os democratas e impedir a sua ligação com as mais largas massas da população.

É nisso dever esclarecer, todos os que, enganados pela frenética propaganda anti-comunista da camarilha salazarista, obstaculizam a união de todos os anti-salazaristas. O anti-comunismo tem assim causado graves prejuízos à unidade.

«Nós dizemos ainda que, no momento presente, nenhum Partido isolado, nenhuma força democrática isolada, incluindo o Partido Comunista Português, tem condições para derrubar o salazarismo e instaurar em Portugal as liberdades democráticas. Não, nós dizemos que sem a participação da classe operária e do seu partido — o Partido Comunista Português — ninguém pode pensar sequer em varrer do poder Salazar e a sua camarilha.» «Quem não quiser ver esta realidade enganase a si próprio».

Depois de salientar que a divisão das forças democráticas prolonga o sofrimento do nosso Povo, o camarada AMILCAR abordou o maior mal que tem paralizado os esforços do Partido para alargar e fortalecer a unidade de todos os anti-salazaristas e enfraquecido a ligação do Partido às mais amplas massas.

«Esse mal é o sectarismo».

O SECTARISMO FACTOR PREJUDICIAL AO DESENVOLVIMENTO DO PARTIDO E DA UNIDADE

O sectarismo, afirmou o camarada AMILCAR, que penetrou com certa força nas fileiras do nosso Partido é um factor de isolamento e manifesto-se de diversas formas.

No interior do Partido uma das manifestações do sectarismo tem sido a excessiva centralização das tarefas nas mãos da Direcção do Partido e dos seus quadros funcionários. Isto levou à subestimação dos problemas de organização, única arma dos trabalhadores para fazerem valer as suas reivindicações económicas, políticas e sociais».

O sectarismo, as atitudes esquerdistas, impedem, como já vimos, a ligação dos comunistas com as massas trabalhadoras. Ele foi um factor importante do retrocesso do nosso trabalho nos sindicatos nacionais, que, quer queiramos quer não, agrupam mais de 600.000 trabalhadores e outras organizações de massas como as Casas dos Pescadores, onde se agrupam 60.000 filiações.

«Os comunistas começavam a sentir-se bem apenas quando estavam virados uns para os outros», o que os levou a fechar o trabalho do Partido sobre si próprio e a debilitar as ligações com as massas dos trabalhadores sem Partido. O sectarismo conduziu também à desconfinça a relação a outros combatentes não comunistas e a perder-se a confiança nas massas.

Na VI reunião do Partido, o sectarismo reflectiu-se no deficiente trabalho colectivo dos organismos partidários e por isso na prática da crítica e da auto-crítica, em particular da crítica de baixo para cima. Nós não estivemos atentos às riquíssimas experiências internacionais, e particularmente à do Partido Comunista da União Soviética que nos ensina que o trabalho colectivo e a crítica e a auto-crítica são leis supremas do Partido. Um outro aspecto grave a que nos conduziu o sectarismo, consistiu em se afastarem e expulsarem camaradas do Partido por questões que não impunham medidas tão radicais.

O camarada AMILCAR salientou que os desvios sectários impediram a aplicação correcta da linha do Partido, que não é estática. Ela só terá aplicação prática se as massas, pela sua própria experiência, a considerarem como a sua própria linha.

O SECTARISMO DOS COMUNISTAS FORA DO PARTIDO

«A acção dos comunistas noutros movimentos democráticos, organizações legais de massas e junto de vários democratas, não podia deixar de reflectir o sectarismo que afasta, pois a doença tinha-se tornado, em certos aspectos, uma norma dentro do Partido». Também nas empresas a aproximação com os operários sem partido ou sob influência de outras correntes políticas tem sido enervada pelo sectarismo dos membros do Partido. Particularmente em relação aos trabalhadores coléricos, alguns comunistas têm tomado uma atitude anticlerical em vez de se aproximarem apenas para discutir com eles a situação de miséria dos trabalhadores portugueses e de procurarem pacientemente formas de acção comum.

«Compreende-se assim, que a justa política de aproximação e de unidade activa sempre prefallada pelo nosso Partido, não podia ser realizada na prática convenientemente. Nós nem sempre tivemos em conta que a unidade pressupõe a participação de várias correntes de opinião e que essas correntes refletem interesses de classe orgânicos, mas todas interessadas num objectivo: a conquista das liberdades democráticas, a substituição do governo e do regime fascista».

A batalha contra o sectarismo tem de ser uma batalha de todo o Partido. Unidos como um só e vigilantes em todos os escalões partidários, os comunistas ganharão essa batalha num curto espaço de tempo para bem do nosso Partido, da classe operária e do nosso povo.

Para isso importa que todos os comunistas se viam audaciosamente para as massas, que se fortaleçam em todos os organismos do Partido o espírito de trabalho colectivo e se realize um sério esforço para a elevação do seu nível político e ideológico, pela suas massas insuflências no domínio

do marxismo-leninismo impediram-nos de ver mais cedo para onde nos conduziam os desvios sectários da linha do Partido.

O camarada AMILCAR define em seguida o papel do Partido na Unidade, salientando que os objectivos imediatos do proletariado português no terreno político e no da defesa da Paz são comuns a outras classes que todavia lutem por vezes contra o proletariado. Daí a necessidade de aliar-nos com todos os que sejam susceptíveis de participar, pouco ou muito, na luta por esses objectivos comuns. A ilustrar as condições existentes para a unidade entre o proletariado e outras classes na luta contra a política salazarista, o camarada AMILCAR referiu algumas importantes acções destas classes pela solução dos seus problemas imediatos.

COMO REFORÇAR E ALARGAR A UNIDADE?

Apesar da importância que tem para a criação de uma ampla frente nacional anti-salazarista o entendimento com umas tantas personalidades e agrupamentos políticos, a tarefa fundamental dos comunistas na marcha para a unidade nacional é a realização da unidade da classe operária baseada na luta pelas suas reivindicações.

«A unidade da classe operária constituirá o forte alicerce da unidade de todos os democratas e anti-salazaristas, pois, como é sabido, a classe operária é a classe que mais provas tem dado de combatividade contra o fascismo e ao mesmo tempo a mais numerosa». No nosso trabalho o essencial está, pois, em estabelecer contactos cada vez mais estreitos com as massas e actuar entre elas para as atrair à nossa política de unidade». Não devemos, porém, esperar que se realize a unidade pela base para se realizar a unidade por cima ou vice-versa. Devemos actuar simultaneamente, tendo sempre em vista encontrar as formas de organização precisas para cada momento e situação dadas.

A finalizar, o camarada AMILCAR afirmou que nos últimos anos o Partido alcançou sucessos em todos os aspectos da sua actividade. Ele organizou e dirigiu centenas de lutas e grevas da classe operária, dos camponeses assalariados, dos pescadores e de outros trabalhadores; tomou sempre um papel de vanguarda em todas as lutas declaradamente políticas; realizou várias reuniões da sua Direcção Central sempre com êxito; elaborou o seu Projecto de Programa que agora se discute nas organizações do Partido e entre as massas, etc., etc.

Entretanto, é para a eliminação dos erros e deficiências que devem incidir as discussões da VI Reunião Ampliada e do Partido. Essa é a condição para marcharmos avante para o fortalecimento e alargamento da organização do Partido, para a realização da unidade da classe operária para a constituição, duma verdadeira frente nacional anti-salazarista que conduza o povo português à conquista da liberdade e da democracia.

«Os esforços do Partido Comunista Português pela unidade acabaram por ser coroados de êxito pois assim o exige o bem do povo português e de Portugal».

«Esperemos que cada democrata e cada organização democrática ligado em conta que tudo o que alicerça na realização da unidade acarretará a todo o povo maiores sofrimentos e sacrifícios e que procuraram contribuir tem bem para a união de todos os democratas portugueses». E o camarada Amilcar terminou:

«Lancemo-nos ao trabalho com confiança ilimitada no nosso Partido, na classe operária nas massas trabalhadoras e no povo, com a certeza de que a vitória sobre o fascismo será alcançada, mais cedo ou mais tarde!»

«Lancemo-nos ao trabalho pela criação de um amplo movimento legal de massas que expresse o pensamento de todas as forças democráticas!»

«Lancemo-nos arduamente ao combate pela realização da unidade da classe operária e da união de todas as forças democráticas numa ampla Frente Nacional Anti-Salazarista!»

INTERVENÇÃO DE ENCERRAMENTO

Pelo camarada ABEL

Pela discussão feita verificou-se uma vez mais que a política seguida pelo salazarismo, além de agravar as condições de vida do nosso povo e comprometer a Independência Nacional, faz aumentar cada vez mais intensamente os perigos da guerra sobre o nosso País.

A discussão permitiu nos também chegar às seguintes conclusões:

1ª. — A VI Reunião Ampliada do Comité Central, ao mesmo tempo que salientou a justiça da linha política do Partido, verificou também que ela não tem sido devidamente assimilada pelo nosso Partido o que originou o aparecimento de graves deficiências na sua aplicação prática, agravando o Partido para o sectarismo, o que bastantes prejuízos causou à luta do nosso povo e à Unidade de todas as forças democráticas e patrióticas.

2ª. — Ao mesmo tempo que criticou esta grave deficiências, a VI Reunião Ampliada do Comité Central apontou a necessidade de o Partido realizar todos os esforços para a constituição de uma ampla Frente Nacional Anti-Salazarista.

3ª. — A VI Reunião Ampliada assinalou graves deficiências na luta em defesa da Paz, apontando mais uma vez que a tarefa central de todo o Partido é a luta pela Paz e que todas as outras lutas, económicas e políticas, devem ser ligadas à luta pela Paz e pela solução pacífica do problema de Goa.

4ª. — A VI Reunião Ampliada do Comité Central, no ponto da organização, verificou que as tendências sectárias conduziram o Partido à subestimação dos problemas de organização e das lutas das massas. Esta situação estava a enfraquecer a ligação do Partido com as massas e a Unidade da classe operária, condição essencial para a criação da Frente Nacional Anti-Salazarista.

A VI Reunião Ampliada do Comité Central apontou o caminho para vencer estas deficiências, pelo reforçamento do trabalho colectivo do tipo à base do Partido, pela

justa aplicação da democracia interna, pela elevação do nível político e ideológico de todos os seus militantes, pelo reforçamento da crítica e da auto-crítica, estímulo não cada vez mais a crítica de baixo para cima.

5ª. — A VI Reunião Ampliada do Comité Central, ao salientar as amplas possibilidades existentes em todo o País para lutas de massas, chama todo o Partido a intensificar a sua acção na mobilização de todas as camadas populares na luta pela satisfação das suas aspirações económicas e políticas, particularmente a classe operária, fortalecendo, assim, e cada vez mais, a sua Unidade. A VI Reunião Ampliada destacou ainda a necessidade de todo o Partido saber recrutar todos os homens, mulheres e jovens mais destacados e combativos nas lutas do nosso povo.

6ª. — A VI Reunião Ampliada, salientando a vez mais os êxitos obtidos na Unidade de Acção dos operários industriais e agrícolas, destacou também a necessidade do reforçamento da aliança da classe operária com os camponeses pobres e remediados, como um dos factores importantes da Unidade do nosso povo.

7ª. — A VI Reunião Ampliada do Comité Central constatou que a política consequente da grande União Soviética na defesa da Paz e da Independência dos povos foi um factor decisivo no desanuviamiento da tenebrosa Internacional, para o entendimento entre todos os povos do mundo, e para a negociação pacífica de todos os problemas em litígio.

Camaradas!

O nosso Partido, quando se pela poderosa teoria marxista-leninista, reforçou o seu trabalho de Direcção e a sua Unidade interna através da crítica e da auto-crítica. Submetendo as suas vitórias e insucessos à análise crítica, pode encontrar o justo caminho para vencer as debilidades e deficiências para o reforçamento da acção e para o fortalecimento da ligação com as massas

SAUDAÇÃO A TODOS OS ANTI-SALAZARISTAS PRESOS

A VI Reunião Ampliada do Comité Central do Partido Comunista Português, nova e importante vitória na luta pela Unidade de todos os portugueses e portuguesas, alcançada na Unidade da classe operária e do seu Partido, saudá o querido camarada Alvaro Cunhal e os outros destacados dirigentes presos. Igualmente proclama a firme disposição de os libertar pelo reforçamento do Partido e pelo decisivo impulso agora dado à luta contra o salazarismo.

Esta saudação é extensiva a todos os heróicos camaradas e anti-fascistas presos, que a todo o momento, com o seu exemplo, de combatividade e firmeza perante o inimigo, nos dão a certeza da vitória final.

Num momento tão importante como o que vivemos, de nitido alívio de tensão internacional, por um lado, e de extrema gravidade das condições de vida e de trabalho das classes operária e de todo o Povo Português, por outro, o nosso Partido, como força de vanguarda da classe operária e com a visibilidade que caracteriza, mais uma vez soube dar os passos necessários para acompanhar a evolução da situação política nacional e internacional.

Fiel aos ricos ensinamentos do marxismo-leninismo, fiel à voz do grande dirigente e

amigo do nosso Povo, Alvaro Cunhal, a nossa VI Reunião Ampliada contribui poderosamente para a constituição duma ampla Frente Nacional Anti-Salazarista. Para tal expôs ao logo da crítica e da auto-crítica o sectarismo, que enfraquece o Partido e dificulta a sua ligação com as massas, e encorreu as medidas para a consolidação da organização do nosso Partido de forma a colocá-lo à altura da sua justa linha política.

O carinho que o nosso Povo dedica a Alvaro Cunhal e o caloroso apoio que os Partidos irmãos e os outros povos dispensam à luta pela libertação do Povo Português e do seu mais destacado e querido dirigente, animo-nos nesta inabalável determinação de colocarmos cada vez mais o nosso Partido na vanguarda da classe operária e das suas lutas.

Avante na luta pela Paz e pela Independência Nacional, pelo Pão, pela Terra e pela Democracia!

Avante por uma mais ampla Unidade do Povo Português para o derribamento do regime salazarista e pela libertação de Alvaro Cunhal e de todos os presos políticos!

Agosto de 1955

A VI Reunião Ampliada do C.C. do P.C.P.

A VI REUNIÃO AMPLIADA DO COMITÉ CENTRAL CONTRA O SECTARISMO, PELA LIGAÇÃO COM AS MASSAS SOBRE PROBLEMAS DE ORGANIZAÇÃO, DA VIDA INTERNA, DO PARTIDO E DA SUA LIGAÇÃO COM AS MASSAS

Resumo do informe do camarada GOMES

Depois de evocar os 34 anos de existência do Partido, dos quais 29 de luta clandestina, o camarada Gomes destacou a responsabilidade fundamental do Partido no estabelecimento da unidade da classe operária e o papel desta na unidade de toda a Nação na luta anti-salazarista.

«A classe operária está a dar importantes passos para fortalecer a sua Unidade, como o mostram as greves e outras lutas desencadeadas nos últimos meses. Esta intensificação das lutas da classe operária desempenha um importante papel na acentuada disposição que para a luta está a revelar as forças sociais não proletárias do nosso País. A Unidade da classe operária é, pois, a condição essencial para o fortalecimento da Unidade Nacional.»

O camarada GOMES abordou em seguida a questão da organização do Partido apresentando alguns dados do seu estado actual que revelam um decréscimo do número de organismos e militantes do Partido desde a efectivação do nosso II Congresso legal.

«A violenta repressão fascista desencadeada contra o Partido e que nos ocasionou perdas enormes é uma das razões da baixa de camaradas, de organismos e da imprensa. Foram presos quadros dos mais classificados da Direcção do Partido e sofrimos duros golpes que atingiram a organização de regiões e províncias inteiras.»

«Por outro lado, a depuração efectuada no Partido reduziu também os seus efectivos.»

«Mas a razão principal da perda de efectivos e de organismos e da redução da nossa imprensa reside no sectarismo existente no Partido.»

O SECTARISMO ENFRAQUECE O PARTIDO E IMPEDE A SUA LIGAÇÃO ÀS MASSAS

«Efectivamente, — prossegue o camarada Gomes — o sectarismo é o principal motivo das nossas deficiências no terreno da organização. O sectarismo está a impedir o Partido de se recompor das perdas causadas pela repressão, está a impedir o recrutamento de novos membros, está a impedir o fortalecimento do Partido e a sua ligação com as massas.»

«Há vários secretariados de célula que não discutem os problemas da sua empresa nem mobilizam os operários para acções concretas.»

«Outro aspecto de sectarismo que muito prejudica o Partido é o facto de os camaradas resistirem à estruturação da organização do Partido nas empresas e outros locais de trabalho.»

«O desprezo pela mobilização e organização das mulheres é também uma manifestação de sectarismo.»

«O mesmo se observa no que diz respeito à organização da juventude, ao trabalho militar, ao trabalho nas organizações de massas, etc.»

Nas organizações camponesas há da mesma forma manifestações de sectarismo.

«E o sectarismo, a insensibilidade a rotina e o burocratismo que nos faz fechar os olhos à realidade e não nos permite aproveitar as amplas possibilidades que existem para fortalecer e alargar a organização, recrutando para o Partido homens e mulheres que seguem a orientação do Partido e a ele desejam pertencer.»

Em seguida, o camarada cita vários exemplos reveladores do interesse das massas trabalhadoras pelo Partido, pela imprensa do Partido e salienta que o sectarismo fecha as portas do Partido a novos trabalhadores que desejam vir às suas fileiras. E afirmou:

«Camaradas: Tudo o que acabamos de dizer nos mostra que existe em todo o Partido uma grave subestimação dos problemas da organização e que não estamos a dar a devida importância às lutas de massas nem a encorajá-las como base do fortalecimento do Partido e da sua ligação com as massas. E evidente que as tendências sectárias, o burocratismo e a rotina estavam a conduzir-nos ao isolamento das massas e a fazer-nos esquecer que a força e a invencibilidade do Partido residem na sua estreita ligação com as massas, com os trabalhadores sem Partido, com os democratas

o com o povo. Mas também foram citados exemplos que mostram as amplas perspectivas que se abrem para o fortalecimento e alargamento da organização do Partido e da sua ligação com as massas.»

DEFICIÊNCIAS NO TRABALHO DE DIRECÇÃO

«Envolve na luta contra a ofensiva política e a provocação e a braços com a defesa do Partido, a Direcção do Partido procedeu a uma centralização excessiva das tarefas na Direcção e no quadro de funcionários e não cuidou devidamente da estruturação dos organismos existentes, não cuidou da sua vida política nem prestou a devida atenção ao desenvolvimento dos quadros.»

«Na intenção de defender os camaradas funcionários e outros camaradas responsáveis, limitámos muitas vezes a sua movimentação não lhe permitindo certos contactos e reuniões sem os quais não era possível alargar e consolidar as organizações e ligar o Partido às massas.»

«E ainda nas deficiências ideológicas de todo o Partido que encontramos a origem da excessiva centralização das tarefas, do delicado controle da execução, do sectarismo, da rotina, do burocratismo, do praticismo estreito e de uma certa insensibilidade no terreno político e da organização cujos efeitos o Partido está a sofrer.»

AS NOSSAS TAREFAS E MEDIDAS IMEDIATAS

O camarada Gomes esboça, em seguida, as tarefas imediatas para o melhoramento do trabalho de Direcção e de organização algumas medidas indispensáveis:

«A nossa primeira e imediata tarefa é fazermos reviver no Partido o princípio do centralismo democrático sempre que não colida com o trabalho conspirativo.»

«A aplicação do centralismo democrático, que é o centralismo e uma disciplina severa a uma democracia interna amplamente desenvolvida, torna o Partido combativo, unido, forte e coerente.»

Os princípios leninistas do centralismo democrático figuram nos Estatutos de todos os Partidos Comunistas e Operários.

«A elaboração dos Estatutos foi uma tarefa que o II Congresso legal estabeleceu ao Comité Central. Mas só agora a Direcção do Partido começou a levar à prática

esta tarefa nomeando uma Comissão que está a elaborar o Projecto dos Estatutos. O Comité Central deve trabalhar para o seu rápido aparecimento e para a sua discussão em todo o Partido.»

«Acabar com as ligações individuais e organizar todos os militantes em células do Partido, particularmente nos centros industriais, reanhar as ligações perdidas e lutar novas empresas, distribuir uma tarefa a cada militante, por mais modesta que seja e fazer com que cada camarada obtenha êxito no seu trabalho, estes devem ser as nossas preocupações para elevar a organização do Partido ao nível da sua linha política.»

A CÉLULA DE EMPRESA

O camarada Gomes destaca a importância das células de empresa e da organização como «força principal» do movimento operário.

«A formação de novas células de empresa é, pois, uma das nossas principais tarefas. Todas as organizações devem planificar o seu trabalho e tomar medidas concretas para que nas empresas do seu sector se organizem células, tendo em conta que a organização de células deve começar pelas empresas e classes mais importantes de cada sector.»

«Mas a formação da célula não é mais do que a primeira etapa. A segunda é a sua transformação num organismo vivo, com vida política, ligado às massas, dirigindo e organizando a luta dos operários e operárias sem Partido.»

Depois de destacar qual deve ser a actividade das células de empresa, o camarada Gomes pôs a questão do recrutamento de novos membros para o Partido, salientando que: «o recrutamento é uma tarefa da maior importância política.»

OS QUADROS

O camarada Gomes salienta a seguir a necessidade de conhecer melhor os quadros do Partido. «A falta do conhecimento dos quadros resulta do estado precário da organização, da falta de vida política e de trabalho colectivo, da ausência da discussão das lutas travadas pelas massas e ainda da resistência que certos camaradas fazem à apresentação doutros camaradas da organização de que são responsáveis.»

«O Partido precisa de promover novos quadros e quadros jovens, sobretudo operários e operárias, camponeses e camponesas assalariadas. E pois nas células de empresa e nos campos que devemos começar o nosso trabalho de revigoração das organizações.»

O camarada Gomes refere-se depois aos quadros funcionários do Partido salientando o seu papel fundamental em todo o trabalho do Partido.

«O estudo dos trabalhos teóricos dos nossos mestres e dos materiais editados pelo Partido é uma base essencial para o desenvolvimento político e ideológico dos quadros do Partido.»

A CRÍTICA E A AUTO-CRÍTICA

«A crítica e a auto-crítica são indispensáveis no Partido Comunista. O Partido quer sempre melhorar o seu trabalho e isso só se consegue submetendo toda a sua actividade ao fogo da crítica e da auto-crítica.»

«Se a crítica de cima para baixo é indispensável, não é menos indispensável a crítica de baixo para cima, a crítica das camaradas de base, mais em contacto com as massas. Mas a crítica de baixo para cima só poderá ser fomentada se os camaradas da base do Partido virem que as suas críticas são aceites pelos dirigentes e os erros apontados são rectificados. O desenvolvimento da crítica de baixo para cima depende, pois, da posição dos camaradas responsáveis e muito particularmente da dos camaradas funcionários e da Direcção do Partido.»

SOBRE VIGILÂNCIA REVOLUCIONÁRIA E DE CLASSE

Prosseguindo, o camarada Gomes, chamou a atenção para o trabalho de sapa do inimigo que procura infiltrar no Partido os seus agentes e servir-se de traidores que se prestam a esse repugnante serviço.

«No capítulo da vigilância, é necessário não permitir a entrada no Partido de um só homem ou mulher cujos antecedentes não sejam conhecidos. As organizações devem verificar cuidadosamente se dentro das fileiras do Partido não se infiltrou qualquer inimigo.»

MEDIDAS PARA O ALARGAMENTO E REFORÇAMENTO DA ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO

Depois de abordar a questão da ligação do Partido às massas e de salientar esta tarefa como a fundamental de todas as organizações, o camarada chamou a atenção para as formas de organização das massas em acções específicas, em particular para a formação de Comissões de Unidade, comissões sindicais, de fração, locais e assim por diante.

O trabalho nos sindicatos nacionais é indispensável para a mobilização e a unidade da classe operária. «Porém não podemos diariamente a justa orientação do Partido. Viramos a nossa atenção para o trabalho sindical particularmente na ocasião das eleições e deixamos depois as direcções eleitas entregues a si próprias, não mobilizamos as massas todos os dias e a todas as horas para a luta sindical.»

O camarada Gomes finalizou, colocando as seguintes medidas:

«Restabelecer os princípios leninistas do centralismo democrático e do trabalho colectivo de direcção nos organismos superiores, intermédios e de base.»

«Reatar rapidamente as ligações perdidas e recrutar novos quadros para o Partido.»

«Estruturar a organização do Partido e efectuar a descentralização do trabalho.»

«Dar vida política e orgânica às organizações do Partido.»

«Organizar células do Partido ali onde for possível, mas sobretudo planificar o trabalho para criarmos fortes células nas empresas industriais mais importantes de cada sector.»

«Intensificar o trabalho sindical de massas e o trabalho noutras organizações legais de massas.»

«Elevar o nível político e ideológico dos quadros do Partido. Melhorar a nossa política de quadros.»

«Aplicar em todas as reuniões da política o controle sobre o cumprimento das tarefas dos camaradas e dos organismos.»

«Estas são as medidas mais importantes para reforçarmos a organização do Partido, para nos ligarmos às massas, para cumprirmos com honra a missão do nosso Partido, para marcharmos à cabeça da classe operária e do nosso povo na luta por um Portugal pacífico, livre e feliz.»

Nos somos, queridos camaradas, membros do Partido de Bento Gonçalves e de Álvaro Cunhal. Temos a certeza na vitória. Como há pouco disse o camarada Kvitchev **«não há obstáculos que possam resistir ao homem que sabe por que luta e se está bem apetrechado com conhecimentos e trabalha com afinco.»**

INTERVENÇÕES NA VI REUNIÃO

Nos próximos números de «O Militante» publicaremos algumas intervenções de outros camaradas do Comité Central do Partido na VI Reunião Ampliada.

INTERVENÇÃO DE ABERTURA da VI Reunião Ampliada

PELO CAMARADA JOÃO

O nosso Partido, forçado a uma feroz clandestinidade, é em condições difíceis que consegue apreciar numa base colectiva tão ampla os aspectos fundamentais da actividade partidária. Eis porque a VI Reunião Ampliada do nosso Comité Central constitui um acontecimento marcante na vida do nosso Partido. Esta Reunião Ampliada tem lugar num momento particularmente importante da vida nacional e da situação internacional e é chamada a discutir problemas candentes do nosso Partido e das massas.

No terreno mundial, a luta dos povos pela Paz e pela Negociação acaba de obter uma vitória histórica com a realização da Conferência de Genebra entre os quatro grandes potências. O desenvolvimento posterior das relações internacionais confirma a vontade dos povos de buscarem na via do entendimento pacífico a solução dos principais problemas que nos preocupam.

No terreno nacional, a VI Reunião Ampliada do nosso Comité Central decorre sob o signo da Unidade das forças democráticas e anti-fascistas do nosso país e do fortalecimento orgânico do nosso Partido. A política salazarista de guerra, do terror e fome alarga cada dia mais o abismo que separa o povo dos seus governantes fascistas.

Contra esta política anti-patriótica orgulham-se os trabalhadores e todas as pessoas progressistas e amigas da Paz do nosso País e esboça-se o mais amplo entendimento entre as várias correntes do anti-fascismo nacional. Para os trabalhadores portugueses cuja luta rasga novas perspectivas à Unidade anti-fascista, para os valentes pescadores do Norte, Centro e Sul, para os camponeses e camponesas do Alentejo e do Ribatejo, para os operários e operárias tateiros do Norte e do Barreiro, para os valentes soldados de Artilharia 1 de Évora, para todos os democratas e anti-fascistas que se mostram desejosos de Unidade vão as nossas melhores saudações.

Camaradas! Faltem aqui nesta Reunião Ampliada camaradas queridos que por direito próprio aqui deveriam estar. O cruel inimigo que combatemos arrebatou-os ao nosso convívio e à luta activa do nosso Partido. Entre eles ocupa um lugar especial no nosso carinho e preocupações o nosso querido dirigente Álvaro Cunhal, há 6 anos isolado na Penitenciária de Lisboa. Outros dirigentes queridos e destacados militantes do nosso Partido, assim como muitos democratas e valorosos activistas da nossa juventude têm as suas vidas preciosas em perigo! Para eles, para esses heróicos lutadores — vão também as nossas mais quentes saudações.

A VI Reunião Ampliada do Comité Central vai discutir importantes problemas do Partido e da situação nacional e vai trazer toda uma linha de orientação para a nossa acção imediata. Esses problemas são: o problema da Unidade e do sectarismo e da organização do Partido.

O problema da Unidade e do sectarismo é uma importância e actualidade excepcionais para a vida do Partido e para a situação e a luta do povo português. O nosso Partido, como vanguarda organizada dos trabalhadores, tem uma responsabilidade decisiva na mobilização do povo português e no alargamento e fortalecimento da Unidade de todos os portugueses e portugueses insensíveis do derrubamento do fascismo salazarista. Desvios sectários têm impedido a justa aplicação da linha do Partido, dificultado a ligação do Partido às massas e o aproveitamento de condições objectivas para trazer à luta as mais amplas camadas do nosso povo. Eis porque a liquidação do sectarismo é uma questão vital para o Partido.

O problema de organização é essencial para levar a orientação do Partido às massas. Como dizia o saudoso camarada Staline, **«uma vez traçada a linha justa, a organização decide tudo.»** O nosso Partido, que teve de realizar um esforço político notável, não soube levar a cabo um esforço organizativo correspondente.

Também aqui o sectarismo fez estragos. No nosso trabalho cometemos importantes êxitos cujo valor não deve ser subestimado. Entretanto, sem diminuirmos o valor dos nossos êxitos, antes buscando neles melhor incentivo, o que vamos fundamentalmente discutir são os erros e as deficiências do nosso trabalho político e organizativo, e na base deles elevarmos o nível da nossa acção no futuro.

Camaradas! A VI Reunião Ampliada do Comité Central constitui só por si uma notável vitória do nosso Partido. Entretanto, ela será uma pálida vitória se não conseguirmos sair daqui armados da firme decisão de levar à prática a orientação e as medidas aqui estabelecidas que não são todavia novas. São a materialização das ideias e decisões aqui discutidas, nos permitindo o equilíbrio do verdadeiro valor desta Reunião e da sua importância na vida e na acção do Partido.

Viremos para aí, camaradas, a nossa principal atenção.

ORDEM DOS TRABALHOS DA VI REUNIÃO AMPLIADA

1. — Intervenção de abertura da Reunião pelo camarada JOÃO.
2. — O caminho para uma ampla frente nacional anti-salazarista informante o camarada AMILCAR.
3. — Sobre problemas de organização, da vida interna do Partido e da sua ligação com as massas, informante o camarada GOMES.
4. — Medidas para o reforçamento da Direcção Central do Partido.
5. — Intervenção de encerramento da Reunião, pelo camarada ABEL.

A VI REUNIÃO AMPLIADA DO COMITÉ CENTRAL PELA PAZ E PELA NEGOCIAÇÃO EM GOA!

Resumo da intervenção do camarada JOÃO

Ao denunciar a política de escravização colonial e de submissão aos objetivos de guerra e de rapina do imperialismo americano, praticada pelo governo de Salazar, o camarada Amílcar abordou a questão das colónias portuguesas da Índia e definiu mais uma vez a posição e as tarefas do Partido em relação a este importantíssimo problema.

O nosso Partido, fiel ao princípio da auto-determinação dos povos, tem defendido consequentemente o direito do povo goês e dos outros povos submetidos ao despotismo salazarista de realizarem as suas aspirações nacionais e democráticas, ao mesmo tempo que, interpretando fielmente os sentimentos pacíficos do nosso povo, apontou desde a primeira hora a via da negociação como única solução do caso da Goa conforme aos interesses da Paz e à vontade dos povos portugueses e indiano.

A voz do Partido, que reflete os anseios mais profundos do povo português, tem ecoado por todo o País exigindo o regresso imediato à Pátria e aos seus lares dos soldados portugueses e coloniais atirados para a Índia e a suspensão imediata do envio para ali de novos contingentes armados.

Nós podemos registar com satisfação que a acção persistente e justa do nosso Partido tem penetrado as mais amplas massas e que muitos e muitos portugueses, ontem enganados pela histeria patriótica do salazarismo, vêem hoje mais claro e enfileiram ao lado dos comunistas e de outros patriotas honrados na luta pela solução pacífica do caso da Goa.

E, entretanto, evidente que as formas e a extensão dessa luta estão ainda longe de corresponder às condições objectivas existentes.

Daqui resulta uma instante necessidade de promover em todo o Partido, desde o nosso Comité Central até aos organismos mais modestos, uma ampla discussão da orientação do Partido relativamente à questão goesa. Essa ampla discussão permitirá esclarecer e mobilizar amplamente as massas populares do nosso País e paralisar os esforços salazaristas para empregar a nação num conflito armado com a União Indiana.

O SALAZARISMO NÃO QUER A PAZ NEM A NEGOCIAÇÃO

Toda uma vasta acção provocatória está a ser orquestrada pelo governo salazarista e os seus lacaios da grande imprensa, com o apoio dos sectores mais representativos da reacção internacional, com vistas a fazer de Goa um foco de perturbações de guerra na Ásia e, como salienta o camarada Amílcar, a defender uma colonização que fez a sua época.

Quando Salazar afirma no comunicado de 27 do Julho último que a questão de Goa não será resolvida por meios pacíficos está aí toda uma posição clara de recurso às armas.

Não é difícil compreender porque age assim o governo de Salazar.

Salazar realiza em Goa a política do Departamento de Estado americano tal como o faz na Coreia um Singman Rea, ou um Chang Kay Chok em Taiwan (Formosa) e um Diem na Indochina.

E evidente que a campanha salazarista para o desencadeamento dum conflito armado contra o povo indiano se integra na campanha de intimidações e de pressão militar e económica dos círculos mais reacçãoários dos Estados Unidos contra a União Indiana, a que não podem perder os seus esforços de apaziguamento mundial, e a vontade do povo indiano de seguir uma via de desenvolvimento independente em face dos monopólios americanos.

Esta é a razão profunda da atitude provocatória e belicista do governo de Salazar para com a União Indiana.

No momento em que a atmosfera de apaziguamento domina as relações internacionais e que os grandes problemas que dividem o mundo entrarão em vias da solução através de negociações pacíficas, o governo de Salazar, em relação ao problema de Goa, fala estranhamente a linguagem das armas.

A política agressiva de Salazar desonra o País, enlameia a nossa juventude e está atraindo sobre o nosso povo o ódio que os povos pacíficos do mundo nutrem pelo fascismo português.

A política salazarista é falha de todo o realismo e sensatez e contraria a marcha inevitável da história. Poderosas potências imperialistas, como a Inglaterra e a França, tiveram de ceder à luta do povo indiano para a sua emancipação nacional e, por outro lado, a crescente resistência dos povos coloniais e as vitórias históricas dos povos chineses, coreanos, indochineses e muitas outras

lutas vitoriosas contra a dominação imperialista mostram que os dias do velho regime colonialista estão contados.

Como dizia o nosso Partido na sua Declaração de Maio de 1954, «os povos asiáticos querem a sua independência» e obtê-la-ão. Essa é uma determinação histórica que nenhuma potência imperialista, e muito menos o salazarismo, poderá impedir.

E aquilo que o governo salazarista se recusa terminantemente a fazer deve obrigá-lo a fazer pela luta, o povo português. A via da negociação é a única capaz de salvaguardar os interesses profundos dos povos portugueses e indiano e para aí deve incidir o esforço mobilizador do nosso Partido e a acção das massas populares.

NEGOCIAÇÕES ABERTAS E SINCERAS COM A UNIÃO INDIANA

O nosso Partido, como partido marxista-leninista, defende o princípio da auto-determinação dos povos coloniais e submetidos e sempre tem defendido consequentemente que a ajuda fundamental do proletariado português e do povo à população das colónias portuguesas, onde quer que elas se encontrem, deve ter por objecto exclusivo a sua libertação do jugo colonial e a extrapilação das raízes do regime colonialista.

O Projecto de Programa do nosso Partido define-o claramente quando trata das relações do nosso País com os outros povos. Diz-se no ponto 4º, deste capítulo do nosso Projecto de Programa:

«Direito de auto-determinação para os povos coloniais, inclusivamente o de se separarem do país. Auxílio fraterno económico, técnico e cultural aos povos das colónias portuguesas no sentido da lhes criar rapidamente condições para uma vida inteiramente independente e democrática».

Os mesmos princípios foram claramente definidos nas IV e V Reuniões Ampliadas e noutras reuniões do nosso Comité Central.

Não podemos lutar consequentemente pelas liberdades democráticas e pela Independência nacional do povo português e ao mesmo tempo preterir para os povos coloniais, submetidos ao mesmo regime salazarista que nos oprime, a negação dessas liberdades e independência.

O nosso partido defende a abertura imediata de negociações abertas e sinceras com a União Indiana—negociações sem condições nem restrições, inclusivamente sobre o problema da soberania portuguesa em Goa, Damão e Diu.

As realidades históricas, rácicas e políticas que não podem ser falseadas.

Em primeiro lugar, apesar de certas características peculiares ao povo goês, ligam-no à União Indiana laços étnicos que os 400 anos de colonização portuguesa não puderam destruir. A emigração da maior parte da população goesa, apesar da chamada política de assimilação, levada à sua expressão mais brutal pelo salazarismo, mantém a sua língua matral pois só 1,2% dos habitantes falam português.

Em segundo lugar, o povo goês anseia por uma vida democrática, por um regime político que lhe permita determinar-se e desenvolver livremente as suas melhores tradições e aspirações nacionais.

Este profundo anseio tem-lhe sido negado sistematicamente e brutalmente pelo salazarismo desde que há mais de uma dezena de anos o povo goês se lançou na luta pelas liberdades essenciais.

A promulgação do chamado «Estatuto da Índia» não passa dum apanhado demagógico destinado a ludibriar a opinião pública mundial e a esconter a verdadeira face da política salazarista em Goa.

O governo de Salazar tem reprimido pela violência todas as manifestações democráticas e nacionais do povo goês e por isso não é de admirar que o movimento pelas liberdades essenciais se tenha transformado rapidamente num amplo movimento de libertação nacional, num irremediável desejo do povo de Goa de participar na vida política e nacional da grande comunidade étnica de que faz parte.

Só o povo goês deve decidir do seu destino, inclusivamente a sua integração na União Indiana se tal for o seu desejo. Dar ao povo goês a possibilidade de se pronunciarem livremente é a única posição justa dos portugueses. Porém, para que isso possa realizar-se duas condições fundamentais são necessárias:

1. A suspensão imediata dos Tribunais Militares Especiais com a libertação de todos os patriotas goeses e indianos e ferros nas prisões salazaristas.

2. Sem contar com os patriotas goeses que

se encontram deportados, o Tribunal Militar Especial de Goa pronunciou, só no período que vai de Maio a Julho últimos, mais de 60 condenações que totalizam mais de 300 anos de prisão contra patriotas goeses e indianos cujo único crime foi o de reclamarem pacificamente a libertação do seu país. Além disso milhares doutros patriotas encontram-se a ferros nas prisões salazaristas.

2º.—A retirada imediata das tropas metropolitanas e coloniais que se encontram em Goa.

Sem estas condições fundamentais, sem a iniciação imediata de negociações abertas e sinceras com a União Indiana, é fora de dúvida que a integração de Goa se fará nas condições piores e mais desfavoráveis para os interesses culturais e económicos dos portugueses na Índia e à custa do criminoso sacrifício da nossa juventude.

REGRESSO IMEDIATO DAS TROPAS QUE ESTÃO NA ÍNDIA! NEM MAIS UM SOLDADO PARA FORA DO PAÍS!

As notícias que vêm da Índia são alarmantes e exigem uma acção imediata do povo português.

O nosso soldados, filhos dum povo pacífico, entre os quais se encontra uma parte considerável dessa valerosa juventude que corajosamente tem erguido no País a bandeira da Paz e dos direitos juvenis, são atirados para longe da pátria em defesa dum causa injusta e olhados como instrumentos de escravização de um povo oprimido.

Os jovens soldados portugueses e coloniais são atirados para um clima hostil onde abundam as epidemias e toda a fauna tropical que já tem provocado numerosos casos mortais.

Além disso reina o terror disciplinar imposto pelo Alto Comando Militar sob a direcção do ministro da Defesa Santos Costa e do ministro do Ultramar.

Nestas condições e compreensível que os jovens soldados e sargentos e mesmo os oficiais mais progressistas que se encontram em Goa manifestem o seu profundo descontentamento e desejem regressar rapidamente à pátria e ao lar.

É também compreensível que as praças, sargentos e oficiais que são mobilizados à força para a Índia, muitas vezes sem se despedirem saquei das suas famílias, tudo façam desde o suicídio às mutilações e deserções, para não participarem nessa aventura guerreira, antecipadamente condenada ao fracasso, cara que os quer arrastar o governo salazarista. Entretanto a via justa é a que foi indicada pelos valentes soldados de Artilharia 1. de Évora, que em massa se recusaram a ir para a Índia, apesar da brutal repressão dos oficiais mais reacçãoários da sua unidade.

Este é o caminho a seguir por todos os soldados, sargentos e oficiais que não se queiram prestar a carrossa do povo goês e a servir de carne de canhão a Salazar.

O nosso Partido carne e sangue do povo português, sente os sofrimentos, o tratamento cruel e desumano a que estão submetidos os filhos do povo fardados que a criminoso política salazarista atirou para a Índia e o sentimento da repulsa e do revolta que

anima uma grande parte das forças armadas ante a perspectiva dum aventura guerreira em Goa.

AS TAREFAS DO PARTIDO NO CASO PELA SOLUÇÃO PACÍFICA DO LUTA DE GOA E PELA LIBERTAÇÃO DOS POVOS COLONIAIS

A marcha dos acontecimentos na Índia e a luta do povo português contra o desencadeamento dum conflito armado contra a União Indiana, comprovam a justiça da orientação e das previsões do nosso Partido. A solução pacífica do caso de Goa, o regresso imediato à pátria e aos seus lares dos soldados portugueses e coloniais que se encontram na Índia, o cancelamento de novas saídas da tropa e dum maneira geral todos os problemas que se prendem com o movimento de libertação nacional dos povos coloniais submetidos ao regime colonialista de Salazar são questões que exigem o mais profundo interesse e atenção de todo o nosso Partido.

A luta pela solução pacífica do caso de Goa integra-se na grande luta mundial em defesa da Paz e dá-lhe um sentido concreto imediato no terreno nacional. Eis aí a tarefa essencial e inadiável de todos os partidários da Paz do nosso País.

O nosso Partido deve encarar este problema como um dos aspectos mais importantes e evidentes da crise política em que se debatem o regime fascista de Salazar. Sobretudo o nosso Partido deve apreender o verdadeiro significado político e nacional desta questão.

O governo salazarista jogará a sua própria existência se se lançar numa aventura armada contra a União Indiana e isto dá a medida exacta das tarefas do nosso Partido.

A luta pela solução pacífica do caso de Goa é hoje um ponto comum do pensamento político e dos interesses dos mais variados sectores de opinião e das classes do nosso povo à volta da qual deve estabelecer-se a mais larga unidade de acção contra o salazarismo.

Nenhuma possibilidade deve ser desprezada para dar expressão e forma organizada ao desejo de luta que anima as camadas mais amplas da nossa população e para esclarecer e mobilizar os portugueses contra os intentos belicistas do governo de Salazar. Lá onde quer que um soldado se recuse a partir para a Índia o povo deve apoiá-lo, deve fazer uma barreira viva para impedir que as forças repressivas do fascismo o arrebatem para longe da pátria. O exemplo da população de Fias que quiz impedir a partida de alguns dos seus filhos, mostra como é possível soldar na luta a repulsa dos filhos do povo fardados em participar numa guerra injusta contra o povo goês, ao serviço do imperialismo americano, com os profundos desejos de Paz da imensa maioria do povo português.

A luta pela negociação e pela solução pacífica do caso de Goa, pela retirada das tropas portuguesas e coloniais da Índia e contra o envio de novos contingentes, assim como a luta pela auto-determinação dos povos coloniais submetidos ao despotismo salazarista são inseparáveis da luta pelo País, pela Paz, pela Democracia e pela Independência Nacional do povo português.

QUANTIAS RECEBIDAS DOS AMIGOS DO PARTIDO

JUNHO, de 1955	Verme ^o , do Sul	Certeza no futuro	157 50	Os corriteiros	12 50
Idem	116 00	Idem	150 00	Lutam	50 00
Alcino	50 00	Vidas Preciosas	15 00	Pablo Neruda	140 00
A Paz vencerá	200 00	4 amigos da Pátria	10 00	Pela Libertação	50 00
Guerra	200 00	5 de J.V. (F)	50 00	de A. Cunhal	40 00
Avante Metalúrgicos	30 00	Elsa Triolet	50 00	Idem	50 00
Chu En Lai (F)	22 50	Idem	50 00	Pela Paz dos Povos	50 00
Contra o rearmamento Alemão	10 00	Abalxo o Campo de Angola	10 00	Pela unidade da Classe oper.	25 00
« a Repressão	300 00	« a Guerra	2 50	Pelo triunfo do Partido (E)	50 00
Construtores Vermelhos	5 00	A caminho da Liberdade	20 00	Poltzer	180 00
Democratas Unidos	610 00	Idem	15 00	Idem	60 00
Heróis de S. Ildefonso	50 00	Alentanos Proletários	150 00	Idem	84 00
Idem	40 00	A memória de Lênine	10 00	Idem (A)	14 50
Idem	40 00	« Stáline	65 00	Idem (B)	19 00
Idem	10 00	« Stáline	65 00	Idem (C)	2 50
Idem	10 00	Amigo	20 00	Idem (D)	27 50
Idem	10 00	Amigos de José Vitoriano (C)	60 00	Idem (E)	9 00
Idem	10 00	« da Pátria	10 00	Idem (F)	1 00
Idem	10 00	« do Partido	44 50	J. Vitoriano (F)	100 00
Idem	10 00	Idem	45 00	Liberdade	10 50
Idem	10 00	Idem	30 00	Liberdade	30 00
Idem	10 00	Idem	77 00	« Democratas	12 00
Idem	10 00	Idem	50 00	« Alentanos	12 00
Idem	10 00	Idem	50 00	Libertação de Alvaro Cunhal	4 00
Idem	10 00	Idem	95 50	« da CC do MNDP	20 00
Idem	10 00	Idem	12 50	Luta do Povo	14 00
Idem	10 00	Idem	60 00	Idem	230 00
Idem	10 00	Idem	5 50	Lutar até vencer	85 00
Idem	10 00	Idem	10 00	Maria Lamas	21 00
Idem	10 00	Idem	10 00	Novos camoens	15 00
Idem	10 00	Idem	18 50	« nas lutas	18 50
Idem	10 00	Idem	65 00	Operários comunistas	29 81 50
Idem	10 00	Idem	65 00	Operários comunistas	29 81 50

VERDADES BEM EVIDENTES

Apresenta dos militares e diplomatas-espies americanos em Portugal e outros países europeus faz crescer por toda a parte o ódio contra estes novos pretendentes ao domínio mundial, que se consideram uma raça superior a tratam insolentemente os outros povos mais civilizados do que eles.

Áinda recentemente o jornal de Castelo Branco, «Reconquista», constatava, referindo-se aos americanos, que a sua permanência

irrita os europeus «que vêem aquele espatifado de alvinegro, CORROMPIDO DO OS HOMENS E AS MULHERES», acabando por concluir que isto explica, em parte, a «antipatia geral de que os cidadãos dos Estados Unidos estão sendo alvo no mundo inteiro».

O ódio do povo português aos insolentes lanques, como vemos, já não está só limitado às massas populares, atinge aqueles elementos do próprio clero e da burguesia que se não vendem por dólares.

Nem mais um soldado para a Índia
Regresso imediato dos que lá estão!

OS TRABALHADORES lutam E VENCEM

Numa empresa de cerâmica da região de Aveiro o pessoal da secção de embaixadores que estava sobrecarregado de trabalho e reduzido a metade, obrigou o patrão a admitir mais pessoal para completar o quadro. Noutra secção os operários foram todos juntos falar com o patrão e conseguiram 2500 de aumento, pagamento a dobrar das horas extraordinárias e trabalho para toda a quinzena. As duas secções de vidro não aceitaram as novas condições de exploração que o patrão quis impor obrigando este a dar o trabalho como anteriormente. Na secção de torneiros o director castigou injustamente os operários e o capataz por estarem sentados no tempo de descanso que tinham conquistado. Todos defenderam a regalia conquistada e conseguiram que o castigo fosse levantado imediatamente. Nesta fábrica todo o pessoal luta por aumento de salário.

Ainda na região de Aveiro os empregados de um estabelecimento conquistaram aumentos de ordenado que vão de 10000 a 20000. Seguindo o seu exemplo, os empregados de outros estabelecimentos lutam também por aumentos.

Numa tipografia do Porto uma parte do pessoal conseguiu um aumento de 5000.

Pela sua luta os operários de uma fábrica de lanifícios de Torzoendo (Serra da Estrela) conseguiram receber o abono de família a que tinham direito e também que lhes fosse pago o correspondente aos 7 meses em que estiveram à espera dele.

TRABALHADORES!

Organizemo-nos por toda a parte, nas fábricas e nos Sindicatos, a luta contra a chamada «Campanha da Produtividade», que faz crescer o desemprego e nos quer arrancar mais trabalho por salários de fome!

Respondemos à «Campanha da Produtividade» inventada pelo governo e pelos patrões, fazendo cera em todas as fábricas e empresas!

Cresce a luta da classe corticeira

Iniciou a sua publicação em Julho passado «O Corticeiro», órgão de união dos corticeiros. O «Avante!» saudou fraternalmente mais esta tribuna de combate da classe operária que tem como objectivo unir e orientar todos os corticeiros na sua justa luta por aumentos de salários, por um novo contrato colectivo de trabalho, contra o desemprego e a exploração.

No prosseguimento desta luta os corticeiros dum importante empresa do Montijo obtiveram uma grande vitória. Uma das secções paralizou o trabalho e todo o pessoal se dirigiu ao encarregado pedindo aumento de salário. Imediatamente o pessoal das secções mais próximas se juntou aos seus colegas, enquanto nas restantes secções os operários, em grupos, se dirigiram ao patronato apresentando o mesmo pedido de aumento de salário. Durante este tempo a empresa esteve parcialmente paralizada. Em consequência desta luta, que constituiu uma magnífica jornada de unidade e firmeza e é um exemplo para toda a

classe, o pessoal conseguiu aumentos de 640, 2500 e 10500. Entretanto a luta prossegue para que o aumento de 10500 seja geral.

Também em consequência da luta que se vem travando numa fábrica do distrito de Setúbal o patronato aumentou alguns operários, mas a luta prossegue até que todos sejam aumentados.

Numa empresa do Montijo houve aumentos de 3500 e noutra de Almada de 5500.

A luta nos sindicatos

A classe corticeira continua a fazer concentrações nos sindicatos exigindo que as direcções tratam junto do governo da saída de um novo contrato colectivo que resolva a grave crise em que os corticeiros se encontram. Em Silves, no mês de Agosto, houve duas concentrações no sindicato. No Montijo uma comissão avisou-se mais uma vez com a direcção do Sindicato enquanto outra se avisou com o delegado do INT. Em Lis-

boa uma comissão dirigiu-se ao presidente do Sindicato e exigiu um aumento de 50 00 sobre os salários do Despacho de 1946.

Em consequência das acções das massas já relatadas pelo «Avante!», as Direcções dos Sindicatos de Silves e de Faro deslocaram-se a Lisboa para exporem ao Ministro das Corporações a situação de desemprego motivada pela utilização de máquinas modernas na Fabrica Fritz, pedindo que estas sejam proibidas. Foram recebidas pelo secretário do Ministro que lhes prometeu tratar do caso, acrescentando que em Portugal já têm sido proibidas outras máquinas cuja laboração provoca o desemprego de muitos operários.

A mobilização das massas

O aumento de salários é o assunto do dia. Para o discutir os operários juntam-se em grupos, fora e dentro das fábricas, na hora do almoço e mesmo durante o trabalho.

Numa fábrica de Almada o pessoal fez uma reunião, em que participaram com muito entusiasmo os operários, tendo tido o assente e intensificação da luta. Noutra empresa da mesma localidade também se efectuou uma reunião para organizar o movimento reivindicativo, tendo conseguido logo a seguir um aumento de 5000.

Em Almada, Montijo, Grândola e Silves recolheram-se assinaturas para exposições a entregar nos Sindicatos e ao Ministro das Corporações. Em várias fábricas e localidades estas exposições foram já assinadas por todo o pessoal, noutras foram assinadas pela grande maioria.

A luta contra o desemprego

A par do movimento por aumento de salários desenvolveu-se o movimento contra o desemprego que atinge a classe corticeira em muitas localidades, como por exemplo no BARREIRO e em FARO onde há muitos desempregados e os que trabalham estão a 3 dias.

Numa fábrica do MONTIJO, graças a essa luta foram readmitidos cerca de 50 operários e 8 operários que tinham sido despedidos em Fevereiro. Nesta empresa os broquistas conseguiram finalmente o salário mínimo de 30000 estabelecido por lei para todos os empregados.

Numa fábrica do SEIXAL o encarregado quis despedir 3 operários mas o pessoal protestou e impediu o despedimento dos seus companheiros.

Avante corticeiros! Cada vez mais unidos e organizados alcançareis a vitória!

CRESCER A INDIGNAÇÃO DOS FERROVIÁRIOS contra o contrato-burla

A numerosa classe ferroviária está indignada com a burla do novo «acordo» de trabalho, sente cada vez mais a necessidade de se unir e de lutar contra ele, tendo o pessoal das oficinas baixado a produção como protesto contra esta burla. Os salários e vencimentos dos ferroviários não somente não foram aumentados, como nalguns casos foram até reduzidos, devido à baixa de categoria, ao mesmo tempo que foram roubadas certas regalias que a classe tinha conquistado, como sejam, por exemplo, as antiguidades. Por tudo isto, houve direcções de Sindicatos que só assinaram o novo «acordo» depois de muito pressionadas.

As lutas anteriores da classe por melhores vencimentos e salários responderam os larábões que dirigem a C. P. e o governo de Salazar com este contrato-burla. Isto mais uma vez vem provar que o governo fascista serve unicamente os interesses do patronato explorador.

Antes de ter sido assinado o contrato-burla, tinha sido entregue uma exposição dos ferroviários de Lisboa à direcção da União dos Sindicatos com 1000 assinaturas a pedir aumentos de vencimentos e salários e tinham sido enviadas numerosas cartas indi-

viduais aos dirigentes da C. P., pedidos que esta não tomou em conta, por não serem acções de toda a classe.

Desde há anos que a classe ferroviária luta pelas seguintes reivindicações, que não foram atendidas até agora: aumento de salários e vencimentos compatíveis com o actual custo da vida; que todas as subvenções fossem incluídas no salário-base; que o salário mínimo-base para aprendizes e praticantes fosse de 17500; diuturnidade única na base de um mínimo de 2500 diários a partir dos 2 anos de serviço e correspondendo aos 30 dias; que todos os operários com mais de 5 anos na sua categoria fossem promovidos à classe imediata; direito ao prémio de 20 por cento, etc, etc.

A verdade, porém, é que nem o governo nem os monopolistas que dirigem a C. P. atenderam até agora as justas reivindicações da classe, por esta não ter ainda conseguido unir-se fortemente e organizar de Norte a Sul a luta contra os seus infames exploradores.

O caminho que agora se apresenta à grande família ferroviária é a sua unificação e a organização imediata da luta em todos os centros ferroviários contra o novo contrato-burla da Julho deste ano.

ARBITRARIEDADES E VIOLÊNCIAS DO GOVERNO contra as classes médias

Os engenheiros, considerando que os Estatutos da sua Ordem não são de molde a defender capazmente os seus interesses, resolveram em Assembleia Geral alterá-los. Entretanto, o Ministro das Corporações não consente na proposta alteração dos Estatutos dizendo descoradamente que só o governo tem capacidade para o fazer! Esta atitude do ministro mostra bem que os engenheiros portugueses, tal como todos os profissionais sindicalizados nos seus organismos de classe, não são donos dos destinos da sua Ordem, o que mais uma vez prova que não existe no nosso país liberdade sindical.

Outro atropelo é o que se está a passar com o Sindicato dos Comercialistas. A maioria dos comercialistas são funcionários públicos e por esse motivo o governo resolveu arbitrariamente dissolver o seu Sindicato. Os comercialistas não estiveram de acordo com esta medida e apelaram para os tribunais competentes para que resolvessem a questão. O governo nem sequer esperou pela sentença destes e nomeou uma comissão liquidatária para tratar da dissolução do Sindicato! Os comercialistas realizaram uma grande assembleia onde protestaram contra esta arbitrariedade ministerial.

Protecção aos PESCADORES!

A humana e justa aspiração dos pescadores para que existam salvas-vidas em todos os portos e praias de pesca, assim como auto-giros para socorrer os naufragos não é atendida pelo governo. Para isto não há dinheiro. Mas em preparativos de guerra, nomeadamente em Santa Margarida, ostam-se milhares de contos! A morte de 16 pescadores afogados na barra de Aveiro, em 15 de Setembro e o naufrágio de 2 embarcações, em 21 do mesmo mês, na Costa da Caparica, mostram bem o desprezo do governo e da Junta Central dos Pescadores pela vida dos honrados e valentes homens do mar.

Pescadores! Defendei as vossas vidas juntando as vossas reivindicações por melhores contratos, de salvas-vidas e auto-giros em todos os portos e centros de pesca! Esta reivindicação é justa e será apoiada por todo o povo!

TRIBUNA MILITAR A LUTA CONTRA O MAU RANCHO

No quartel da Companhia de Saúde da Graça, em Lisboa, onde se encontram 500 recrutas, o rancho tem sido muito mau, cheirando mal a ponto de não se poder comer. Os soldados começaram a manifestar o seu desagrado e a ideia de um levantamento do rancho propagou-se. Os oficiais, dando conta disso, fizeram as seguintes por ordens do comandante foram as casernas, de noite, fazendo muito barulho (quando os soldados já dormiam), ofendendo-os, dando-lhes pancadas e interrogando-os. Alguns desses oficiais fascistas diziam: «Porcos!» Encontram a comida ruim, talvez na vossa casa comam melhor! Tudo isto para provocar os soldados e dar motivo a castigos.

No outro dia o oficial de dia procurou que o rancho fosse melhor temperado e à hora da reição vários oficiais, e até o comandante, foram para o refeitório e puseram-se à volta das mesas. Quando veio a comida,

alguns soldados provaram-na e percebendo que estava melhor, decidiram todos comê-la tendo começado todos ao mesmo tempo. Os oficiais que esperavam o levantamento do rancho, ficaram admirados, e foram-se embora. Desde então a comida melhorou bastante. Porém, alguns soldados desta Companhia foram transferidos como castigo para a Companhia Disciplinar de Penamacor.

So a nossa luta conseguiu melhorar a nossa comida.

Um soldado democrata

Leia e dê a ler o «AVANTE!»

AS VIDAS DE GEORGETE FERREIRA E ISaura SILVA CORREM PERIGO!

Perante o agudizar da luta e o alargamento da unidade combativa dos democratas portugueses, o governo fascista aumenta a repressão e procura aniquilar as vidas preciosas dos democratas e patriotas que jazem nas masmorras salazaristas.

Georgete Ferreira, que se encontra presa no Forte de Caxias desde Dezembro do ano passado, está gravemente doente, tão doente, que até a odiosa PIDE se viu obrigada a mandá-la internar no Hospital de St. António dos Capuchos. Os médicos deste hospital consideraram que esta destacada democrata não estava em condições de resistir à operação que a PIDE impunha à direcção do Hospital.

Por iniciativa da PIDE, Georgete Ferreira foi encarcerada num quarto sem ar e sem luz do Hospital, com a janela gradeada e pregada e a porta fechada. Num quarto ao lado, que dava acesso ao deca democrata, a PIDE montou um serviço de vigilância permanente e exercia pressão sobre o pessoal clínico e de enfermagem para rodear Georgete da maior vigilância. Ao fim de 15 dias foi novamente levada para o Forte de Caxias, quando o tratamento estava no começo.

Em Caxias o médico-carcereiro Ruas despreza a saúde dos presos doentes de tal forma, que Georgete Ferreira esteve 10 dias seguidos com altas temperaturas sem que este facínora a observasse e, perante os justos protestos de Georgete, acabou por expulsá-

-la da enfermaria! Só depois de muitos protestos, Georgete conseguiu ser observada pelo médico.

Também a jovem aderente do MUD Juvenil, Isaura Silva, cuja vida corre igualmente perigo e ante os protestos dos médicos e enfermeiras do Hospital Escolar de Lisboa, onde estava internada, foi levada de novo para o Forte de Caxias, sem estar curada ou sequer convenientemente tratada.

Por os presos do Forte de Caxias serem protegidos contra o criminoso desprezo pelas vidas destes democratas, por parte do médico-carcereiro Ruas, todos os presos foram castigados pelo director António Júlio com um mês de corte de visitas e de correspondência, inclusivamente Georgete Ferreira.

No Forte de Peniche o partidário da Paz Vasco Cabrel, cujo sistema nervoso está abalado pelos maus tratos sofridos na prisão e na prisão, está encerrado no segredo por ter protestado contra o seu isolamento junto do director da prisão, o estomacoso tenente Alfredo Neves.

Outros presos, como Alvaro Cunhal, Francisco Miguel, Maria Angela Vidal, Cap. Henrique Galvão, etc, têm a sua saúde comprometida e não recebem o tratamento devido. Estes a aniquilarem lentamente os mais destacados filhos e filhas do nosso povo a ferros do fascismo (agravando o estado de saúde dos presos e criando o sistema da prisão prepáua com as famigeradas medi-

das de segurança) exigem que todas as pessoas da bem e de sentimentos se unam e organizem para salvar a vida dos democratas e patriotas presos, para desmascararem e combaterem a política de terror do governo de Salazar!

Salvem a vida dos patriotas e democratas presos!

EXPULSOS DAS TERRAS

Tal como se deu na Quinta da Torre e em Fernão Ferro, e em muitos outros sítios, os grandes agrários monopolistas da terra expulsam ou tentam expulsar delas os seus rendeiros, alguns deles vivendo lá há muitas dezenas de anos.

Agora e a vez de 131 famílias camponesas que foram intimadas a abandonar as terras que traziam de renda há 30 anos na Herdade do Vale da Leira da Leira e Alca, nos concelhos de Alentejo e Alentejo, terras estas que eles destravaram e valorizaram à custa de muito trabalho.

O caminho que agora se apresenta aos 131 rendeiros da Herdade do Vale da Leira e Alca é o mesmo que assegurou recentemente a posse da terra aos rendeiros da Quinta da Torre e de Fernão Ferro: a luta unida e organizada e a recusa a largar as terras!

ABAIXO O CAMPO DE ANGOLA! LIBERDADE PARA ALVARO CUNHAL! OS TRABALHADORES lutam E VENCEM

Aumenta o custo da vida FALA UMA DONA DE CASA

«**Isto vai pela hora da morte!** Foram estas as palavras com que nos respondeu uma dona de casa quando lhe perguntámos como ela se via para a festa do marido lhe chegar. E continuou:

«**É o peixe por um dinheirão, a carne cada vez mais cara e a pior qualidade. Os animais parece que nem comiam. A hortaliça custa os olhos da cara. Enfim, não sei onde é que isto vai dar.**»

Esta é na realidade a preocupação que todos sentem. E que os artigos de primeira necessidade, desde a alimentação ao vestuário, sem falar nas rendas de casa que, particularmente nas grandes cidades, atingem preços que um operário ou um modesto empregado não podem sequer pagar, mesmo que gessassem tudo o que ganham ao fim de um mês. E quando o custo de vida sobe desta maneira, os salários e ordenados só pela luta dos trabalhadores aumentam e mesmo assim uns mesquinhos escudos que não compensam de maneira alguma a subida do custo da vida.

«**Calcule—diz-nos a nossa dona de casa, mulher duns 50 e tal anos—que em 1905 um trabalhador do campo ganhava vinte centavos (dois tostões), que era quanto ganhava o meu pai. Com o que ganhava podia comprar vinte litros de vinho que custava então um centavo cada litro. Qual é o trabalhador que hoje ganha coisa que se pareça? Ora faça a conta. Seriam aí uns 45 escudos não era?**»

«**Pois era. Mas você sabe que hoje o salário médio dos trabalhadores no campo anda à volta de uns 18\$00? Isto é o que afirmam os próprios organismos do governo,** esclarecemos nós. Mas a nossa entrevistada, que aprendara nos simples livros da vida, nos respondeu que isso era o que eles ganhavam quando trabalhavam. E quando não trabalhavam? Perguntámos-lhe se sabia porque é que a vida era cada vez mais difícil para o trabalhador.

«**Othe, eu lá de política não percebo nada mas o que sei é que eles (referia-se aos salazaristas) dizem que dantes se viajava e isso não é verdade. Também sei que eles gastam muito dinheiro em armas, canhões e mais armas que podiam aproveitar**

para melhorar a nossa vida e que os meus filhos não há maneira de saírem da tropa. E já acabaram o serviço há muito. E manobras e mais manobras e não sei se acabam por ir para a Índia. Eu nem quero pensar nisso!»

Na sua linguagem simples a boa mulher do nosso povo, mãe de dois filhos, havia dito a verdade nua e crua: a vida do nosso povo piora dia a dia porque o governo de Salazar gasta na preparação da guerra o melhor dos dinheiros do povo—mais de dois milhões de contos em cada ano. E o descontentamento, o mal estar provocado pelas dificuldades cada vez maiores da vida alastra entre as camadas cada vez maiores da população.

As pessoas simples, como esta mulher, poderão não estar dispostas a pertencer a Comissões. Muitas vezes a sua vida o não permite e enquanto não camuflarem essa necessidade elas não modificarão alguns pormenores da sua vida. Mas as que elas estão dispostas é a lutar de várias maneiras, desde a dar a sua adesão a qualquer protesto contra a carestia, contra a guerra, pela paz e a felicidade do nosso povo, até participar activamente em qualquer manifestação ou protesto que toque directamente os seus interesses.

OS JOVENS QUEREM VIVER FORA DOS QUARTÉIS

Em Abril foi entregue ao Presidente da Assembleia Nacional uma exposição em que numerosas pessoas de famílias de estudantes protestam contra a incorporação antecipada no serviço militar: cerca de mil estudantes afectados por esta medida terão que interromper o estudo e verão perder-se um ano de trabalho e o dinheiro gasto em propinas e internamentos.

Esta exposição não é um caso isolado, ela revela o descontentamento geral da nossa juventude perante a política de militarização. Os jovens do nosso País, sejam eles operários, estudantes, empregados ou camponeses, aspiram a estabelecer a sua vida, melhorar a sua situação profissional ou concluir os seus cursos, casar-se e formar um lar, viver em paz. Mas como realizar estes anseios quando, ao desemprego e às dificuldades económicas, vêm juntar-se as chamadas para manobras, a mobilização antecipada, as idas obrigatórias para a Índia?

A actividade militar cada vez mais intensa atrasa e inutiliza a vida de milhares de jovens de todos os sectores; os operários e empregados perdem as promoções de que tanto precisam para organizar a sua vida, quando não perdem os lugares; os estudantes atrasam a conclusão dos seus cursos; afastados da família, submetidos a uma alimenta-

ção péssima, à disciplina de caserna e aos castigos injustos, sujeitos muitas vezes a um trabalho violento que lhes arruína a saúde, os jovens soldados anseiam pelo regresso à vida civil e manifestam-se através de protestos, levantamentos de rancho, etc. Oficiais e soldados não vêem com bons olhos os oficiais estrangeiros dar-lhes ordens, como é o caso do campo de aviação do Montijo em que a arrogância dos oficiais ingleses ofende o patriotismo das nossas tropas.

Por outro lado, a actividade militar intensa é uma fonte permanente de desastres e acidentes.

Assim é com descontentamento que os jovens tomam parte nas grandes manobras para que são mobilizados, como as que se realizaram em Julho na Ota, em Viana do Castelo, em Elvas, em Bragança, em Lamego e no mês corrente em Santa Margarida de que resultaram feridos vários soldados.

A última tragédia da aviação em Polares, que custou a vida a 8 jovens e trouxe o luto ao País é a continuação de uma série terrível de explosões e desastres em que todos os anos morrem ou ficam estorpiados dezenas de soldados, pilotos e marinheiros. No entanto, o ministro Santos Costa não hesitou em afirmar cruamente cocuos aos depois da catástrofe, que «**continuarão, por maiores que sejam os sacrifícios.**»

Todos estes tremendos sacrifícios são exigidos à juventude porque o governo de Salazar quer seguir até ao fim os aventureiros militaristas emfáticos numa política agressiva que é contrária aos interesses da Juventude e do Foco português.

Jovens soldados, marinheiros e oficiais! Defendei a vossa vida e a vossa saúde protestando contra os exercícios violentos e arriscados, contra o serviço militar prolongado, contra a ida de contingentes para Goa, contra a má alimentação, contra a dureza da disciplina. Só uma política de desmilitarização e de entendimento com todos os países trará a felicidade à Juventude de Portugal!

TRIBUNA DOS LEITORES DO «AVANTE!»

Enquanto o governo de Salazar gasta rios de dinheiro com a compra de bombas, canhões, tanques e aviões de jacto, nós, estudantes, frequentamos escolas que estão em péssimo estado. Em vez de aulas amplas e bem iluminadas temos buracos escuros onde não nos sentimos bem.

No primeiro ano em que frequentei a minha Escola tive uma cadeira de Química que tem sempre grande frequência por pertencer a muitos cursos, e a menos de meio do ano deixámos de ter aulas práticas porque o laboratório estava bastante arruinado e amezcava calor. Este ano, num laboratório de Física onde estão diversos aparelhos, chovia lá dentro.

Em muitas disciplinas as aulas práticas são reduzidas porque há poucos professores, no entanto todos os anos saem das Faculdades jovens formados e que se vêem sem emprego. O auxílio aos estudantes praticamente não existe. As bolsas de estudo concedidas aos estudantes necessitados o melhor classificadas são apenas de 3.000\$00 e muito poucas, mas por um só avião de jacto paga o governo 11.000, contos que davam para 3.670 bolsas.

Por isso os estudantes lutam por melhores condições de vida, pela Democracia, pela Paz.

Um estudante universitário

O COMBATE À TUBERCULOSE E A DEMAGOGIA DO GOVERNO

A situação da população portuguesa agrava-se em todos os sectores. Sob o ponto de vista médico é cada vez mais vergonhosa a situação, não só a mortalidade infantil (o que denota atraso e miséria) e das maiores da Europa, como a tuberculose, outro índice importante, alastra.

Vê-se o número de reacções positivas que se têm encontrado nos testes à tuberculina feitos no País. A percentagem é de tal modo elevada que assusta mesmo os mais reaccionários que se encontram nesses serviços e que tudo fazem para esconder o verdadeiro valor dessas percentagens.

De notar ainda que toda a campanha em curso da vacinação pelo B.C.G. é feita à custa da exploração do trabalho dos médicos que a fazem, pois só são remunerados os grandes tubercos da instituição.

Aproveita o governo com esta campanha e por meros fins de propaganda procura criar no espírito do público a ideia de que a luta anti-tuberculosa está a ser feita com todas as armas; no entanto esconde que o número de camas nos Sanatórios é manifestamente insuficiente, o que obriga muitas vezes a dar alta aos doentes tidos por incuráveis, e que uma vez em casa voltam a semear à sua volta milhares de bacilos.

Também a campanha de vacinação pelo B.C.G. é um trabalho de fachada pois que uma vez que se viu uma reacção positiva, como na maioria dos centros não há instalações de Raios X anexas, não se pode verificar se a doença está ou não em actividade (notar que depois de alguns anos de campanha só Lisboa, Porto e Coimbra têm instalações de Raios X).

Como em tudo, a classe mais sacrificada é a classe operária. Verificados que foram alguns centros industriais, encontrou-se em algumas empresas 100% de reacções positivas nos seus operários e, o que é pior, em alguns locais onde foi possível fazer o racionamento tóxico verificou-se ser grande o número de casos em franca evolução. Também nos internatos onde os filhos de operários constituem a maior massa não deixa de ser frequente encontrarem-se percentagens igualmente elevadas, e também não é menor o número de casos em evolução.

Por tudo isto, é de todos os portugueses a luta que o Partido Comunista Português tem conduzido em prol de uma vida mais sã e mais justa, luta que deve unir todas as pessoas honestas, seja qual for a sua filiação política. Lembremo-nos que se trata de defender o que a Nação tem de mais querido: a sua classe operária e a sua juventude.

Em apontamentos que se seguirão falaremos de outros aspectos médicos da vida portuguesa. Um médico

Portugal BASE AMERICANA

Segundo relatava o jornal o «Acoreano Oriental» de 29/1/55, uma missão militar americana vindá directamente dos Estados Unidos, chefiada pelo almirante Smith, teria chegado à Terceira e teria ido falar com o governador civil do distrito de Angra do Heroísmo, para o cedência de terrenos para o aeródromo de Santana.

Como se vê por este exemplo bem concreto, os imperialistas americanos dispõem de Portugal como se fosse uma colónia americana e nem já se dão ao trabalho de tratar estes problemas de governo para o governo, dirigem-se logo às autoridades locais, por ser mais rápido e prático!...

A PAZ VENCERÁ A GUERRA

O PARAISO DOS MONOPOLISTAS

Sob a governação salazarista Portugal e as Colónias transformaram-se no paraíso dos monopolistas nacionais e estrangeiros, que arrancam ao povo português lucros fantásticos. Referimo-nos aqui a um dos: a magnífica COMPANHIA DOS TELEFONES, cujo contrato monopolista foi recentemente prolongado pelo governo de Salazar.

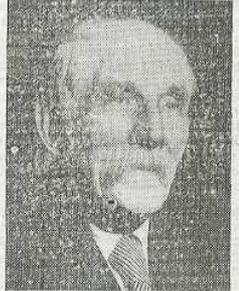
Os negócios da The-Anglo-Portuguese Telephone Co., mais conhecida pelo designação de C. dos Telefones (que é uma filial do poderoso trust anglo-americano Automatic Telephone & Electric Co., que por sua vez está ligada a outras duas empresas monopolistas operando em Portugal: a CARRIS DE FERRO DE LISBOA e a RÁDIO MARCONI...), correm à maravilha para os seus acionistas.

Segundo informava o jornal inglês «Financial Times» o rendimento anual pago por este monopólio aos seus acionistas CONSTITUI UM RECORDE ENTRE TODAS AS COMPANHIAS INGLESA QUE OPERAM FORA DA INGLATERRA.

O «entusiasmo» com que certos reaccionários e grandes capitalistas estrangeiros celebram as «virtudes» do regime salazarista está assim claramente explicado: Salazar fez de Portugal o paraíso dos monopolistas.

O 86º aniversário de MARCEL CACHIN

No dia 20 de Setembro o camarada Marcel Cachin fez 86 anos. O camarada Marcel Cachin foi, com Maurice Thorez, um dos fundadores do grande Partido Comunista Francês. Professor de filosofia, membro do Bureau Político e director de «L'Humanité» desde 1918, o camarada Marcel Cachin é amado pelo povo da França e querido, co-



MARCEL CACHIN

mo um Pai, especialmente, pelos comunistas franceses. O Partido Comunista Português, em nome da classe operária de Portugal, saúde o grande dirigente do Partido Comunista Francês pelo seu 86º aniversário. Saúde e longa vida ao camarada Marcel Cachin!

O PROGRAMA DO PARTIDO E OS INTELLECTUAIS

O Projecto de Programa do Partido Comunista vem ao encontro das mais sentidas aspirações dos trabalhadores intelectuais. Estes, sob o jugo do fascismo, encontram-se na terrível situação que o Projecto de Programa descreve de um modo flagrantemente.

A intelectualidade progressiva é perseguida pelo fascismo e debate-se com a falta de liberdade de criação artística e literária, falta de protecção aos homens de ciência e de letras, o desemprego e a insegurança do dia de amanhã. O governo salazarista persegue a liberdade de pensamento com a censura e a FIDE, trava a actividade científica dos maiores valores da ciência portuguesa recusando-lhes meios apropriados de investigação, forçando-os assim a emigrarem para o estrangeiro ou a abandonarem as actividades científicas para poderem viver. O fascismo força o professorado à obediência política ao governo e à subserviência, priva-o de meios independentes e apropriados de ensino e cria-lhes uma situação económica degradante, em particular ao professorado do ensino primário oficial.

Para acabar com esta situação, o Projecto de Programa aponta o único caminho possível: o derubamento do fascismo e a instauração de um Governo Democrático de Unidade Nacional. E o Projecto acrescenta:

«Esses objectivos só poderão ser alcançados pelas forças mais numerosas, mais sãs e mais combativas da Nação: a classe operária aliada aos camponeses, em união fraternal com a intelectualidade progressiva e com a pequena e média burguesia da cidade e do campo.»

As condições para o levantamento nacional do povo português, contra o fascismo criar-se-ão na medida em que se incrementarem, alargarem e aprofundarem as lutas reivindicativas das classes trabalhadoras e de todo o nosso povo. Esta orientação é um guia precioso para a intelectualidade progressiva, pois ensina que a melhor contribuição dos trabalhadores intelectuais para a conquista de uma vida pacífica, feliz e independente está em travarem lutas cada vez mais frequentes e mais aguerridas contra o fascismo em volta dos problemas que lhes são próprios.

A intelectualidade progressiva, ao lado da classe operária, dos camponeses e de todo o nosso povo, está decidida a lutar em defesa da Independência Nacional, da vida pacífica do povo português e pela conquista da Liberdade Democrática, único caminho que permitirá o livre desenvolvimento das suas faculdades criadoras e a realização da sua justa e profunda aspiração:

«Protecção efectiva por parte do Estado ao desenvolvimento científico artístico e cultural do País.»

RÁDIO MOSCÓVO

Transmite
DIARIAMENTE PARA PORTUGAL E COLÓNIAS, DAS 21 ÀS 21,30 HORAS, EM ONDAS CURTAS DE 25, 31 E 41 METROS.